



## **Escolas étnico-comunitárias italianas mantidas por Associações de Socorro Mútuo: circulação e produção cultural da “italianità”**

Terciane Ângela Luchese<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente texto é apresentar as iniciativas escolares criadas, mantidas e difundidas pelas Sociedades de Mútuo Socorro na chamada Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. A análise abrange o final do século XIX e início do século XX, momento em que houve maior participação e importância desta forma de escolarização, sistematizada pelas diversas associações - rurais e urbanas. São privilegiadas no estudo a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Regina Margherita (1882) no atual município de Bento Gonçalves, a Sociedade Italiana Stella d'Itália (1884) criada em Garibaldi e a Sociedade Príncipe de Nápoles (1887) de Caxias do Sul. O referencial teórico-metodológico utilizado foi o da história cultural. Com fontes historiográficas diversificadas como fotografias, correspondências, estatutos, relatórios de cônsules e agentes consulares, o artigo privilegia a análise desta iniciativa ímpar de organização escolar, procurando contribuir para o conhecimento da história da educação brasileira.

**Palavras-chave:** imigrantes italianos, escolas étnicas, sociedades de mútuo socorro.

**Resumen:** El propósito de este trabajo es presentar las iniciativas de la escuela creadas, mantenidas y distribuidas por las sociedades de socorro mutuo de la Región Colonial Italiana de Río Grande do Sul. El análisis abarca finales del siglo XIX y principios del siglo XX, cuando hubo una mayor participación y la importancia de esta forma de escolarización, sistematizada por las diferentes asociaciones - rurales y urbanas. Se hace hincapié en el estudio a la Sociedad Italiana de Socorro Mutuo Regina Margherita (1882) en la actual ciudad de Bento Gonçalves, la Sociedad Italiana Stella d'Italia (1884) de Garibaldi y la Sociedad Príncipe de Nápoles (1887), Caxias do Sul. La base teórico-metodológica fue la historia cultural. Con diversas fuentes historiográficas, tales como fotografías, cartas, artículos, informes de los cônsules y los agentes consulares, el artículo se centra en el análisis de esta iniciativa única de la organización escolar, tratando de contribuir al conocimiento de la historia de la educación brasileña.

**Palabras clave:** inmigrantes italianos, escuelas étnicas, sociedades de ayuda mutua.

As escolas étnicas eram 'aulas' elementares - ensinavam as noções básicas de escrita, leitura e cálculo que, na maioria dos casos, eram instituídas por iniciativa das próprias comunidades. As que funcionavam na zona urbana, em geral, foram resultado do

empreendimento das Sociedades de Mútuo Socorro. As rurais, erigidas pelas próprias famílias da comunidade que, mediante a inexistência de escolas públicas ou pela própria distância, escolhiam o professor entre aqueles moradores que era um pouco mais instruído. Conforme descrevia o cônsul De Vellutis em 1908:

Nos centros urbanos e nas sedes das colônias rurais, essas escolas são mantidas pelas Associações Italianas ou melhor, surgem sob seus auspícios. No mínimo, são as associações que fornecem o local e os móveis e utensílios necessários. Nas colônias, entre as linhas que não contam com escolas brasileiras, os nossos compatriotas procuram sustentar as próprias custas, uma pequena escola para seus filhos, confiando-a a algum colono mais instruído do lugar. Existem também algumas associações de fabriqueiros de várias capelas das linhas que se esforçam em manter abertas pequenas escolas italianas. Em geral, pode-se afirmar, com certa satisfação que, os nossos compatriotas tem amor à sua escola italiana. Mas os sacrifícios que eles fazem não são suficientes e tem que lutar com grandes dificuldades para conceder uma remuneração para eles sempre pesada, aos professores que são mais pobres do que eles. Afora poucas, a maior parte das nossas escolas tem uma vida difícil. Elas atravessam, enfim, neste momento um período muito crítico. Por um lado, a crise econômica, agravada pelas recentes calamidades, colocou muitos colonos numa situação de miséria. Por outro lado, soma-se a isso a invasão de congregações francesas que, expulsas de seu país, vieram refugiar-se nesse Estado, instalando nas colônias escolas para ambos os sexos, as quais fazem grande concorrência às nossas, porque admitem gratuitamente alunos pobres, cobrando apenas dos que podem pagar.<sup>2</sup>

Em 1908 De Vellutis situa a condição destas escolas ditas “italianas” assinalando as dificuldades que vinham enfrentando. O ensino era em italiano (em geral dialetos como o vêneto) e em alguns períodos, essas escolas receberam material didático do Governo Italiano. Ressalto que os imigrantes falavam os dialetos maternos de suas respectivas regiões de origem, conheciam mal o italiano - o que de certa forma dificultava, inicialmente, o uso dos livros didáticos. Estudando a escola comunitária étnica entre os teuto-brasileiros, Rambo destaca que

[...] a escola comunitária teuto-brasileira foi uma instituição criada pelas próprias comunidades dos imigrantes com a finalidade de atender seus filhos. O que se entendia como necessidades, na época e nas circunstâncias concretas de então, pode-se resumir no seguinte: aprender a ler, a contar e a calcular; a alfabetização, portanto;

aprender as verdades básicas da fé e os princípios mais elementares da moral e dos bons costumes; transformar a criança, em primeiro lugar, num membro útil de sua comunidade; guardar viva a tradição dos antepassados; despertar no filho do colono a consciência de cidadão brasileiro responsável e comprometido. (RAMBO, 1994, p. 201).

Entre os imigrantes italianos as escolas comunitárias se multiplicaram especialmente na zona rural e tiveram características étnicas - especialmente pela questão da língua (dialetos). Havia escolas comunitárias, étnicas, mas que foram iniciadas e mantidas pelas comunidades, estabelecidas próximo às capelas, cuja existência justificava-se pelo seu sentido mais prático e utilitário. Os pais e a comunidade criavam “aulas” onde o professor era pago para que ministrasse os conhecimentos básicos na leitura, escrita e cálculos. Essas iniciativas foram muito comuns no interior das colônias. Diversos foram os casos em que as famílias de imigrantes uniram-se para empreenderem em mutirão a construção da escola, geralmente uma pequena casa de madeira rústica, apesar de, nos primeiros tempos estas aulas terem funcionado na própria casa do professor ou na casa dos alunos. Estas 'aulas', em sua maioria, já em meados de 1910, tinham se tornado públicas. Conforme o imigrante Júlio Lorenzoni, estabelecido em Dona Isabel:

A absoluta falta de escolas do Governo Brasileiro obrigava o colono a escolher as pessoas mais aptas para ensinar a ler, escrever e fazer contas àquela mocidade toda, sob pena de criarem-se na maior ignorância, verdadeiramente analfabetos. Precisavam então conformar-se com o melhor que houvesse, pois não eram professores formados os que iam lecionar, mas sim os que, na Itália, tivessem recebido uma razoável instrução e que, mediante módica retribuição, se sujeitassem a desempenhar a árdua tarefa de mestre, o que procuravam fazer da melhor maneira. (LORENZONI, 1975, p. 126).

Entre os imigrantes havia alguns professores com formação em sua terra natal, mas seu número era insuficiente para suprir a carência, a necessidade de escolas. Conforme Giron "(...) entre os imigrantes da Colônia Caxias, apenas quatro se identificaram como professores, sendo os responsáveis pelas primeiras escolas particulares regionais. Foram eles Giacomo Paternoster, Abramo Pezzi, Clemente Fonini e Marcos Martini." (GIRON, 1998, p. 90).

As escolas étnico-comunitárias foram, como ressalta Kreutz, muito importantes para os imigrantes, especialmente entre os alemães. Também refere-se à essas iniciativas como algo muito peculiar na História da Educação brasileira, caracterizando-as como iniciativas que “[...] não se desenvolveram de forma isolada, cada uma restrita a seu núcleo. Foram

assumidas pelas respectivas comunidades de imigrantes, vinculadas a uma instância maior, isto é, à coordenação das respectivas confissões religiosas. Além disso, eram escolas étnicas porque retratavam aspectos culturais importantes da respectiva etnia, como língua e costumes.”(KREUTZ, 2005, p. 72). Entre os imigrantes estabelecidos na Região Colonial Italiana houve as escolas mantidas pelas comunidades rurais que se formaram em torno da capela e também aquelas criadas e mantidas por sociedades de mútuo socorro (a sua maioria estabelecidas em área urbana). Essas escolas étnicas mantidas pelas sociedades de mútuo socorro eram

[...] escolas laicas, geralmente de boa qualidade, em que também eram aceitos alunos não pertencentes ao grupo que mantinha a escola. O currículo, além de atender às exigências nacionais, era complementado com aspectos da cultura do respectivo grupo étnico, ficando o mais próximo possível ao currículo praticado no país de origem. Essas escolas eram em número reduzido, normalmente não passavam de uma ou duas nos centros urbanos maiores, com um número suficiente de imigrantes para mantê-las. (KREUTZ, manuscrito, p. 02).<sup>3</sup>

As iniciativas dos imigrantes são o resultado também das condições de ensino em que se encontrava a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em fins do século XIX, como já foi dito. Conforme o estudo realizado por Schneider, durante a década de 1870 a instrução pública, no meio rural, era muito precária. Ela não podia ser regulada pelas mesmas normas que a maioria das escolas da Província, já que os filhos de imigrantes falavam dialetos diferentes e os professores não poderiam ensinar se não compreendessem o que seus alunos falavam (SCHNEIDER, 1993, p. 356). Surgia, então, um grande problema: onde conseguir professores que compreendessem os dialetos italianos, dominassem o idioma nacional e se dispusessem a deslocar-se até as colônias e ali permanecerem para ministrar suas aulas? Destaco, concordando com Kreutz que

A dimensão étnico-cultural é construída e reconstruída constantemente num processo relacional em que os grupos e indivíduos buscam, selecionam, ou relutam em função do significado que fenômenos e processos tem para eles. Por isto a educação e a escola são um campo propício para se perceber a afirmação dos processos identitários e os estranhamentos e as tensões decorrentes da relação entre culturas. (KREUTZ, 2001, p. 123).

Entre os agentes educativos principais que se mobilizaram na busca da escola podemos citar os agentes consulares - para os quais além da difusão dos conhecimentos elementares a escola étnica tinha o sentido de difusão da '*italianità*' (italianidade), discurso assumido pelas próprias associações de mútuo socorro que também tinham um cunho nacionalista.

As Sociedades de Mútuo Socorro eram associações que assumiram, em diferentes contextos, funções de intermediação e preservação dos laços com a pátria de origem através de festividades cívicas - *italianità*, foram espaços de auxílio mútuo em caso de doença, morte ou sinistro, e muitas também assumiram atividade de ensino.

Em 1882, foi criada, em Dona Isabel, a Sociedade Artística de Mútuo Socorro Regina Margherita, que contava inicialmente com 40 sócios. Através do incentivo de Enrico Perrod, em 1883, no ano seguinte surgiu uma escola italiana. Lorenzoni descreveu-a afirmando que

Seu primeiro mestre foi o senhor Isidoro Cavedon, que residia na Linha Santa Eulália e o Inspetor Escolar era o Reverendo Padre João Menegotto, pároco local (...) Devido, ao ordenado mínimo que lhe era outorgado, e também à distância que o separava da família, pouco depois pediu sua demissão sendo substituído pelo senhor Santo Bolzoni. (LORENZONI, 1975, p. 123 e 124).

O terceiro professor da escola italiana, mantida pela Sociedade de Mútuo Socorro, foi o próprio Júlio Lorenzoni<sup>4</sup>. Em suas memórias Lorenzoni relata como foi selecionado para assumir a cadeira de professor, seus ganhos salariais e as tarefas que lhe eram incumbidas:

Prestei o devido exame perante o Inspetor Escolar e mais dois membros, no dia doze de maio daquele mesmo ano. Na sessão ordinária da sociedade, realizada no dia dezanove do mesmo mês fui aprovado para desempenhar provisoriamente o cargo de professor elementar, nas mesmas condições do meu antecessor, a saber: trinta mil-réis mensais. Tinha a obrigação de dar aulas cinco horas por dia (menos os festivos) e servir, ao mesmo tempo, de secretário da Sociedade. [...] No primeiro dia de junho abri minha escola, atendendo a nada menos que cinquenta alunos. O local da escola, ao mesmo tempo sede da Sociedade, era uma espaçosa sala, na propriedade do senhor Henrique Enriconi, bem arejada e com luz suficiente. [...] Depois de três meses, o meu ordenado de professor foi aumentado de dez mil-réis e, com esse mísero pagamento, desempenhei o árduo serviço até dezembro de 1889 [na p.179 consta março de 1889]. Naquela ocasião, era nomeado para as funções de

agente postal e deixava o meu cargo com o senhor Alberto Bott, que me substituiu. Recordo ainda, com viva satisfação, que, durante todo o tempo desempenhei o magistério nessa ex-colônia ( cinco anos e sete meses), sempre tive uma freqüência média superior a quarenta alunos e pude constatar que muitos desses conseguiram tirar grande proveito dos ensinamentos que, com verdadeira paixão à arte de ensinar, procurei ministrar-lhes. (LORENZONI, 1975, p. 123 e 124).

Lorenzoni imigrara aos 14 anos e na Itália freqüentara o ensino elementar. Atendeu a escola até 1889 quando foi nomeado ajudante do correio e, após, Agente Postal. O salário passara a setenta mil-réis mensais, uma melhora significativa se comparado ao que recebia enquanto professor - 40 mil-réis mensais.

Foram criadas quinze escolas italianas mistas nas diversas linhas, todas, porém, dependendo da Sociedade, que era quem se interessava pelo seu funcionamento e que lhes distribuía os poucos recursos que possuía. O Real Consulado Italiano de Porto Alegre encaminhava à Sociedade Rainha Margarida o que esta necessitava em livros e meios para atender professores e alunos, tudo proveniente do Governo da Itália. A média da população escolar naquela época era de cerca de quinhentos alunos. Os subsídios às escolas rurais, por parte da Sociedade, durou até fins de 1894, quando uma a uma foram sendo fechadas, por abandono de parte das autoridades consulares, suspendendo os subsídios, e pela falta de recursos da Sociedade para manter em funcionamento tantas aulas.(LORENZONI, 1975, p. 124 a 126).

As escolas italianas estavam todas à cargo de imigrantes que, na sua comunidade, aceitavam dedicar parte de seu tempo ao ofício de professor. Poucos eram os que exerciam exclusivamente a docência. A maioria destes professores somavam a atividade de ensino com o trabalho na agricultura ou com a manutenção de outra atividade econômica - seja comercial ou manufatureira. Muitos assumiram também encargos comunitários.

Em Conde D'Eu foi com a fundação da Sociedade Stella d'Itália, em 1884 que organizaram a escola italiana. Conforme os estatutos dessa sociedade, artigos 75º a 81º, a escola italiana masculina e feminina era mantida com as mensalidades pagas pelos pais e administrada por um regulamento especial aprovado pelo Cônsul da Itália em Porto Alegre.<sup>5</sup>

A escola mantida pela Sociedade Stella d'Itália, ao ser criada, tinha como finalidade “contribuir para o progresso moral e intelectual dos filhos dos colonos sócios e não- sócios com o meio de ensinamento que é dado essencialmente em italiano, com professor italiano, testes italianos, deverá ter sempre viva recordações do alfabeto da pátria distante.”<sup>6</sup> A sociedade seguindo a proposta e a recomendação de seu presidente honorário, Conde Antônio Greppi, Cônsul da Itália em Porto Alegre, estabeleceu uma escola “puramente italiana”, elementar masculina e feminina. Na implantação de tal escola como também no seu andamento e administração estava encarregado o Conselho Administrativo, o qual nomearia uma comissão especial e direta para a dita escola. O Conselho Administrativo da Sociedade era, também, encarregado da escolha do nome do professor, estabelecendo

condições relativas tanto às retribuições mensais que perceberia quanto ao número e horário de lições, à duração do tempo do ano escolar. Qualquer pai de família sócio ou não-sócio poderia usufruir da escola mediante pagamento. Se fosse sócio pagaria 500 réis mensais mandando um filho, 800 réis mandando dois filhos e 1000 réis mandando três. Para os não-sócios, mediante pagamento de 1000 réis por um filho, 1500 réis por dois filhos e de 2000 réis por três.<sup>7</sup>

Houve diversas associações de imigrantes italianos também nas zonas rurais. Caso das sociedades Camilo Cavour, localizada na Linha Santa Eulália e fundada em 1888 e a Umberto I da Linha Jansen, fundada em 1894 - ambas na antiga Colônia Dona Isabel e que atuavam na difusão da instrução. Em Caxias e em Conde d'Eu, havia várias Sociedade de Mútuo Socorro e, também nestas, como foi dito anteriormente, iniciativas escolares e o recebimento de material didático. Os subsídios fornecidos pelo governo italiano para estas escolas constituíam-se na remessa de livros didáticos e materiais de ensino sendo que não previa o pagamento dos professores, que deveriam contar apenas com as mensalidades dos alunos.

As autoridades italianas, como os cônsules, preocupavam-se com a falta quase absoluta de instrução nos núcleos coloniais. É possível encontrar em todos os relatórios consulares registros que retratam a situação das colônias mencionando a falta de escolas e a necessidade do governo italiano intervir, passando a apoiar a educação, enviando livros e material escolar. Certamente transparece a perspectiva de manutenção dos laços culturais com a Pátria-mãe - a Itália, através do ensino.

As “escolas italianas” foram importantes na manutenção da língua e do culto da Itália como a pátria dos filhos dos imigrantes. Entre os anos de 1891 e 1896 assumiu como agente consular, em Caxias do Sul, Domenico Bersani, tendo sido também, Inspetor Escolar oficial das escolas de língua italiana existentes na léguas que constituíam Caxias.(ADAMI, 1971, p. 22). Também em Bento Gonçalves, o padre e também agente consular, Giovanni Menegotto foi, por alguns anos, inspetor escolar. A importância do professor como elemento de ligação entre os imigrantes, a cultura e língua italianas foi reconhecida pelo governo da Itália, que no final do século XIX designou o professor-agente, com o objetivo de fazer a ligação entre os imigrantes e as autoridades consulares italianas. (DE BONI, 1985, p. 71). Umberto Ancarini e Luigi Petrocchi foram professores e agentes consulares enviados da Itália para Caxias e Bento Gonçalves. Bagé, Porto Alegre e Alfredo Chaves foram municípios que também receberam professores com formação e que assumiam a tarefa de agentes consulares concomitantemente.

No mês de julho de 1904, foram feitos vários anúncios pela Sociedade Príncipe de Nápoles acerca do funcionamento da nova escola italiana - que estaria em sua sede, era destinada para os meninos e teria como professor principal Cav. Ancarini. Publicava também as disciplinas a serem ministradas:

Escola Italiana Príncipe de Nápoles



A partir do endereçamento do Cav. Enrico Ciapelli, Cônsul da Itália, que tanto preza em seu coração a instituição das escolas italianas nas colônias do Rio Grande do Sul, o Governo Italiano aderindo também ao interesse da Sociedade Operária Príncipe de Nápoles que sempre procurou para instituir uma escola italiana em Caxias, que enviava como encarregado da dita escola o Prof. Cav. Umberto Ancarini.

Se traz ao conhecimento dos habitantes desta vila que no próximo mês será aberta a Escola Italiana Masculina de grau inferior e superior na sede da sociedade anteriormente nominada, que com patriótico sentimento, é seu promotor.

O ensinamento compreenderá das seguintes matérias: Língua italiana. Língua portuguesa. Língua francesa. História Italiana e Brasileira. Geografia. Matemática. Geometria. Desenho. Caligrafia. Canto. Ginástica e exercícios militares.

As inscrições dos alunos serão recebidas todos os dias pelo Sr. Mario Marsiay secretário da Sociedade Príncipe de Nápoles.<sup>8</sup> [tradução minha].

Seriam ensinados 3 idiomas, desenho, canto, ginástica, exercícios militares, entre outras matérias. Propunha o ensino apenas para meninos mas, no ano seguinte, a esposa de Ancarini assumiu, como ele mesmo noticiou, que a “[...] escola privada italiana feminina, foi aberta em sua própria residência pela senhora Iró Ancarini, e conta já, após 3 meses, com 18 alunas, pertencentes às melhores famílias locais.”<sup>9</sup>

Além da aula diurna, oferecia-se já outra oportunidade para aqueles que não haviam se alfabetizado: o ensino noturno para adultos. Iniciativas inovadoras para o período, para o local e que receberam investimentos apenas anos depois por parte das autoridades locais (o ensino noturno para adultos teve investimentos posteriores por parte da Intendência de Caxias que passa a compreender a importância de gerar oportunidade estudo àqueles que não haviam frequentado aulas em idade regular, conforme veremos adiante). Chamam atenção as matérias a serem ensinadas - incluindo o Desenho.

No entanto, mediante essas iniciativas, o número de alunos não foi tão elevado, em especial porque os beneficiados eram apenas os que viviam na vila e seus arredores mais próximos. Ancarini, em relatório de 1905, relatava sobre a própria escola que “na vila abriu-se há oito meses uma escola masculina italiana, com sede na Sociedade Príncipe de Napoli, contando atualmente com 25 inscritos.”<sup>10</sup>

O processo escolar em Bento Gonçalves, especialmente durante o início de século XX, foi descrito em diversos relatórios elaborados por Luigi Petrocchi<sup>11</sup>. Ele veio como professor subsidiado pelo Governo Italiano e serviu de agente consular, como já foi mencionado, na



região entre os anos de 1903 e 1909 (pelas informações obtidas). Em seu relatório de 1903 noticiava:

*A nova escola italiana adquire sempre mais simpatia mesmo entre as autoridades do país. No corrente ano, na seção de trabalhos femininos, estavam inscritas 9 crianças filhas de brasileiros. Em 2 anos de vida, a escola deu um pouco de instrução a mais de 100 analfabetos e conseguiu obter frequência máxima mesmo de filhos de gente que sempre se mostrou cética em matéria de instrução. (DE BONNI, 1985, p. 68; grifos meus).*

Em outro relatório, de julho de 1904, Petrocchi afirmava:

*Geralmente é reconhecida a importância da escola italiana neste estado, visto que só por meio da escola mantém-se vivo o culto das memórias pátrias, cultivam-se o espírito e a mente, difundem-se a língua e a cultura italiana. O envio de outros professores-agentes, da parte do governo italiano, continua a ser vivo desejo de todos os compatriotas que vivem nos vários centros coloniais. E mesmo os brasileiros, que com justa razão querem conservar e difundir seu idioma, sua literatura e seu sentimento de nacionalidade, não se opõem a que nossos colonos enviem seus filhos à escola italiana, pelo contrário, admiram esta escola, estudam o método didático que nela é adotado e vêm assistir os exames. Deixam a cada um total e plena liberdade de manifestar seus sentimentos patrióticos, e tomam parte, sem constrangimento, nas festas de caráter italiano.(...) As escolas públicas, colocadas sob a fiscalização direta do intendente e dos conselheiros, são mantidas pelo Estado. Em todo o município há 18 escolas públicas, das quais 9 são masculinas, 2 femininas e 7 mistas. As escolas italianas, subsidiadas pelo governo da Itália com material didático, chegam a 24, somadas aqui também as que foram abertas no corrente ano. (DE BONNI, 1985, p. 71 e 74; grifos meus)*

A escola italiana adquiria 'sempre mais simpatia', o 'culto das memórias pátrias' - a enunciação discursiva de Petrochi estava fortemente vinculada ao movimento pela 'italianità', pensado como a defesa e a conservação de hábitos, costumes, tradições e do próprio idioma da Pátria-mãe. A escola se tornava um espaço de formação e manutenção de laços afetivos, culturais, políticos e econômicos com a Itália.<sup>12</sup>

Um dos destaques interessantes no discurso do professor e agente consular Petrochi refere-se às funções que muitos dos professores assumiam nas comunidades em que lecionavam. Grande parte lecionava também o catecismo, assumira a função de padres leigos, especialmente nos primeiros anos, outros se tornaram porta-vozes mediante as autoridades locais das reivindicações e necessidades da comunidade, além das funções de sacristão e sineiro - como destacou Petrochi.

De toda forma, se ao final do século XIX, “tínhamos também escolas italianas, com público significativo, em Alfredo Chaves, Antônio Prado, Bagé, Bento Gonçalves, Caxias, Encantado, Estrela, Garibaldi, Guaporé, Jaguarão, Lajeado, Pelotas, Porto Alegre, Silveira Martins.”(2000, p. 93) como constatou Maestri, ao longo da primeira década do século XX estas aulas foram desaparecendo pela dificuldade dos pais manterem o investimento (em especial pelo elevado número de filhos), pelo crescimento de ofertas de escolas de outras modalidades ou pela própria desistência do professor mediante as parcas remunerações (o que por vezes era feito em espécie - feijão, trigo, milho...) e, também, por opção dos imigrantes pela escola pública. Para Giron, “na década de 1920, das escolas italianas poucas sobreviviam em alguns municípios da região colonial, porém em vias de extinção, sendo mal vistas pelo governo estadual e mal assistidas pelo governo italiano.” (GIRON, 1998, p. 92).

Outro elemento a ser considerado ao tratarmos das escolas étnicas nos anos de 1920 é a propaganda fascista - inclusive com o envio de professores comprometidos com os fascios italianos. Entretanto, numericamente as escolas italianas já eram em número bastante reduzido. Conforme o estudo de Giron, no momento em que o fascismo se preparava para 'modernizar' o ensino que seria destinado a preparar as populações dos núcleos coloniais italianos para as necessidades do regime fascista, as condições para o funcionamento das escolas deixavam de existir. No ensino, conclui Giron, “pouco ou nada conseguiu realizar o fascismo na região colonial”. (GIRON, 1994, p. 104).

Considerando que “o papel da escola 'italiana' foi muito importante na manutenção da língua e do culto da Itália como a pátria dos filhos dos imigrantes”, as chamadas 'escolas italianas', isto é, escolas privadas que ensinavam em língua italiana, tiveram vida curta. Os professores, no final do século, naturalizaram-se e passaram a lecionar nas escolas públicas. (GIRON, 1994, p. 58). Entretanto, cabe ressaltar ainda que a campanha de nacionalização ocorreu desde a Primeira Grande Guerra - o que motivou o Estado a incentivar a supressão destas escolas étnicas e a expandir o ensino público gratuito. A presença das escolas confessionais particulares; a inexistência de recursos para manter as escolas - seja por parte do governo italiano que contribuía apenas com o material escolar, ficando o pagamento dos professores a cargo das mensalidades pagas pelos alunos, seja por parte dos pais; a baixa qualidade de ensino já que apenas as noções rudimentares de leitura, escrita e aritmética eram trabalhadas, sendo que quando havia o ensino da história e da geografia eram os da Itália apenas os ensinados; são fatores que considerados no conjunto permitem compreender a curta duração da maioria das escolas étnicas italianas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do sul: 1864-1970**. 2<sup>a</sup>. ed. Caxias do Sul: Paulinas, 1971.

DE BONNI, Luis A. **Bento Gonçalves era assim**. POA:EST / Caxias do Sul: Correio Riograndense / Bento Gonçalves: FERVI, 1985.

GIRON, Loraine Slomp. **Colônia Italiana e Educação**. In: Revista *História da Educação*. Pelotas: UFPel, nº 3, vol. 2, set. 1998.

GIRON, Loraine S.. **As Sombras do Littorio: o Fascismo no Rio Grande do Sul**. POA: ed. Parlenda, 1994.

KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane M.T e outros (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KREUTZ, Lúcio. Imigrantes e projeto de escola pública no Brasil: diferenças e tensões culturais. In: **Educação no Brasil: história e historiografia**. Sociedade Brasileira de História da Educação (org.). Campinas: Autores Associados, 2001.

LORENZONI, Júlio. **Memórias de um imigrante italiano**. Tradução Armida Lorenzoni Parreira. Porto Alegre: Sulina, 1975.

MAESTRI, Mário. **Os Senhores da Serra - a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875 - 1914)**. Passo Fundo: UPF, 2000.

SCHNEIDER, Regina Portela. **A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770 - 1889)**. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS/EST edições. 1993.

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UNISINOS, pesquisa questões vinculadas à história da educação na Região Colonial Italiana do RS. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado da Universidade de Caxias do Sul. E-mail para contato: [taluches@ucs.br](mailto:taluches@ucs.br)

<sup>2</sup> **O Estado do Rio Grande do Sul e a Crise Econômica durante o último quinquênio** - Extraído do Relatório do Cav. Francesco De Velutiis, Régio Cônsul de Porto Alegre, fevereiro de 1908. p. 348 a 350.

<sup>3</sup> Veja-se também KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas de imigrantes no Cone Sul: amplo repertório de fontes de pesquisa, ainda não trabalhados. In: SCHELBAUER, Anaete R; LOMBARDI, José Claudinei; MACHADO, Maria Cristina Gomes (orgs). **Educação em debate: perspectivas, abordagens, historiografia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

<sup>4</sup> Lorenzoni naturalizou-se brasileiro em 1887, conforme o documento encontrado: “Lorenzoni Julio de cor branca, nascido no dia 23 de março de 1863 na Província de Vicenza, professa a religião católica [ mas era também maçom], veio para o Brasil como colono no ano de 1878 e desde esse tempo reside na ex-colônia Dona Isabel [ o que não confere - teria ido inicialmente para Silveira Martins, conforme suas memórias], na sede, exerce o magistério de professor de primeiras letras, estabelecido com casa de moradia, proprietário, filho legítimo de Lorenzoni Antonio e de Tanaro Maria, naturais da Província de Vicenza, casado com Righesso Josephina, natural da Província de Treviso, de cujo consórcio tem dois filhos, sendo Domingos com 3 anos e Teodolina com 1 ano, nascidos no Império e batizados na forma da Religião católica, pretende fixar sua residência no Império e quer adotar o Brasil por Pátria, por isso, pede com a presente declaração ser admitido a prestar juramento de fidelidade à constituição e mais leis do Império.” Códice 0006, AHGM. E o solicitante assina o documento. A naturalização significava maiores facilidades de aceitação seja participando dos rumos políticos, seja podendo candidatar-se a cargos públicos como, posteriormente, o fez.

<sup>5</sup> Estatuto da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Stella D'Itália, 10/03/1884. Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

<sup>6</sup> Artigo n. 75 do Estatuto da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Stella D'Itália, 10/03/1884. Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

<sup>7</sup> Conforme os Artigos n. 76 a 79, do Estatuto da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Stella D'Itália, 10/03/1884. Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

<sup>8</sup> Jornal “O Cosmopolita” - Órgão dos Interesses Coloniais. Caxias, 17 de julho de 1904, Ano II, n. 108, p. 03 - seção italiana. Redatores diversos. Editor-proprietário: Maurício N. de Almeida. Jornal semanal, distribuído aos domingos, possuía uma seção italiana. O mesmo anúncio foi publicado novamente em 24 de julho de 1904, n. 109.

<sup>9</sup> ANCARINI, Humberto. Relatório: A colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil, 1905. In: DE BONI, Luis A. (org.). **A Itália e o Rio Grande do Sul, IV**. Porto Alegre: EST, 1983, p. 57.

<sup>10</sup> ANCARINI, Humberto. Relatório: A colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil, 1905. In: DE BONI, Luis A. (org.). **A Itália e o Rio Grande do Sul, IV**. Porto Alegre: EST, 1983, p. 57.

<sup>11</sup> “Luigi Petrocchi era natural de Pistóia, na Itália. Emigrou para o Brasil por volta de 1900, com os dois filhos maiores, deixando a esposa e outros dois filhos em Pistóia. Além de atuar como agente consular em Bento Gonçalves, Petrocchi foi professor em uma escola do mesmo município.” IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder - a imigração italiana no Rio grande do sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares**. Caxias do sul: EDUCS, 1996, p.163. Consta que após sua saída de Bento Gonçalves, Petrocchi assumiu o cargo de Vice-Cônsul em Florianópolis conforme OTTO, Clarícia. As escolas italianas entre o político e o cultural. IN: DALLABRIDA, Norberto (org.). **Mosaico de Escolas - modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 135.

<sup>12</sup> Sobre a temática é interessante a discussão de AZEVEDO, Thales de. **Italianos e Gaúchos: os pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: A Nação / Instituto Estadual do Livro, 1975.